

Juventudes escolares urbanas amazônidas:
sociabilidades *on* e *off* por meio das brincadeiras e conflitualidades em
uma escola de ensino médio de Belém - Pa.¹

Mário Jorge Brasil Xavier
Prof. UEPA
Discente do Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio
(PCI PUC-Rio/UEPA).

Palavras chave: Juventudes, sociabilidades, conflitualidades

Introdução

As discussões em torno das formas de sociabilidades das juventudes, presentes no cotidiano escolar, fora deste e verificadas nas redes sociais, são atualmente instigantes, pois revelam uma diversidade de pessoas, grupos e vivências. A necessidade por entender, em parte, as vivências nos cotidianos nas escolas públicas estaduais de Ensino Médio e suas interfaces com o uso dos *smartphones*, conectados ou não à internet, tornou-se recorrente, envolvendo um grande número de pessoas, enquanto sociabilidades vividas dentro e fora das escolas.

A vida intensa das conexões na *Internet*, mesmo com todas as vicissitudes positivas, comunicação, informação, diminuição de distâncias, etc. trouxe consigo algumas formas de interatividade que expressam conflitualidades já há muito vividas por grupos humanos, pois congregam diversas características de sociabilidades, por meio, por exemplo, de mensagens de textos e imagens compartilhadas nos dispositivos de comunicação móveis.

Nas relações sociais mantidas pelas juventudes nas escolas, mas não só nestas, é possível dizer que houve um crescimento exponencial de atitudes e discursos de ódio e intolerâncias. Estas atitudes e interações favoreceram conflitualidades que, por vezes, se iniciam nas relações cotidianas em diversos ambientes, em casa, na rua e, inclusive, nos ambientes escolares.

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

É possível afirmar que tais conectividades vividas, compostas por seres humanos nos seus atos, por meio de uma publicação ou comentários irônicos, difamatórios ou falsos, são acompanhadas de atitudes e comentários intolerantes que acontecem e se manifestam de vários lugares e são potencializadas pelas redes sociais. Nestas interfaces, ocorrem as mais diversas interdependências dos que acessam seus ambientes de interatividade.

Das interações, surgem brincadeiras, conversas jocosas, zombarias - as chamadas zoeiras - bem como em face das opiniões diversas. Tais interações promovem uma exposição destes perfis de usuários que, algumas vezes, sem o uso de regras, tornam-se um espaço favorável para que discursos de vários tipos, inclusive de ódio, se ampliem pela conectividade, sendo estes capazes de se propagar e atrair cada vez mais quem os aceite e compartilhe. As brincadeiras entre jovens estudantes e, no que concerne aos objetivos deste projeto, nas escolas públicas estaduais em Belém, podem desencadear conflitos dentro da escola.

As motivações para estudar a temática das juventudes, conflitualidades e sociabilidades em uma escola surgiram a partir das experiências vividas enquanto docente da Universidade do Estado do Pará - UEPA, coordenando ações de extensão no GECA - Grupo de Estudos e Práticas com Criança e Adolescente da UEPA. O grupo, há mais de dez anos, desenvolve atividades de extensão universitária por meio de oficinas e palestras com discentes dos cursos de graduação em Ciências Sociais, Pedagogia, História e Filosofia do Centro de Ciências Sociais e Educação.

A meu ver, o estudo das relações que favorecem as conflitualidades na escola deve contar com um entendimento de uma boa convivência escolar, considerando a escola além de uma instituição formal de aprendizagem e formação. Sendo assim, o âmbito das sociabilidades se afirma como um espaço de interação entre pessoas, adultos, jovens e crianças.

As discussões em torno dos grupos geracionais, em particular das juventudes, continuam sendo uma temática com tanta evidência quanto nos estudos anteriores tais como de Margareth Mead (2015), Karl Mannheim (1982) e Pierre Bourdieu (1983). Busco, desta forma, situar quem seriam estes grupos sociais, entendidos aqui enquanto juventudes escolares urbanas amazônicas, mencionando suas particularidades e conveniências. É fundamental ressaltar que as juventudes atuais vivem em um mundo diferente daquele outrora vivenciado por seus pais, e com o qual não mais se relacionam, buscando situar quem é esse novo indivíduo social, citando

suas particularidades e conveniências.

À guisa de procurar uma conceituação para o termo “amazônidas” quando da caracterização de certas juventudes, recorro inicialmente aos indicadores que registram que, atualmente no Brasil, a juventude corresponde a mais de 51,3 milhões de habitantes, definida na faixa etária de 15 a 29 anos, segundo o Atlas das Juventudes (2021), o que representa quase 1/4 de toda população. É expressivo o contingente de jovens na Região Norte do Brasil, conforme IBGE (2020) indicam que 28% da população nortista é composta por jovens. Estas juventudes se distribuem de forma distinta pelo território brasileiro. Na região Norte destacam-se as capitais com as maiores taxas de juventude: Palmas (TO) é a capital da juventude, cuja taxa supera a do país em 25%. Seguida por Rio Branco (AC), Porto Velho (RO), Boa Vista (RR), Manaus (AM), Belém (PA) e Macapá (AP). Ainda na leitura do Atlas:

As juventudes se distribuem de forma distinta pelo território brasileiro. A região Norte, em 2019, apresentava a maior concentração populacional nos grupos de idade mais jovens, com 43,0% da população da região com menos de 24 anos de idade. As regiões Norte e Nordeste apresentam um percentual de juventude maior que a média brasileira, com destaque para o estado do Amapá, que tem 29,1% de sua população total composta por jovens. (NERI, 2019 *apud* ATLAS...,2025).

Entendo aqui por “juventudes escolares amazônidas” aquelas juventudes indígenas, ribeirinhas, brancas, pardas, negras, quilombolas que residem nos territórios da Amazônia, e procuram construir e reconstruir a partir destes, suas identidades. Estas juventudes, a nosso ver, são marcadas pelos determinantes das gerações adultas na construção de políticas e ações públicas que pouco ou nada dialogam com suas especificidades locais, heterogeneidades e origens socioeconômicas.

A necessidade de construir uma pesquisa no campo da educação evidencia-se à medida em que se constata que há um considerável índice de situações envolvendo conflitualidades nas escolas da Região Metropolitana de Belém, com a participação de jovens estudantes. Estas situações conflituosas inquietam e preocupam pais, professores, equipe gestora, bem como diversos setores da sociedade, que em algumas situações, não sabem exatamente como agir diante de tais demandas, suscitando dúvidas e incertezas quanto às práticas pedagógicas desenvolvidas, procurando resolvê-las em último caso, através da chamada de agentes de segurança pública, que no mais das vezes só atuam nos momentos mais críticos.

A meu ver, a vida humana em suas relações humanas e não-humanas, sempre se constituiu em processos de “sociações” (Georg Simmel, 1983), sejam estas conflituosas ou não. Tais relações estabelecidas, necessitam de um ponto de partida que permita uma articulação de ideias e faça destas uma multiplicação de novos adeptos. Este trajeto de pesquisa, começou por uma série de diálogos no movimento dinâmico das atividades de extensão universitária, congregando práticas nas escolas e visualizando um devir em meio às minhas preocupações com as realidades observadas.

Sendo assim, procuro pautar a discussão das conflitualidades, destacando-se o cenário de uma escola estadual em Belém, a saber, a Escola Cidade de Emaus. A referida unidade abrange o Ensino Fundamental (anual Finais), Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA) no turno diurno. Dados do Censo Escolar 2024- Inep- revelam que a escola tem 240 alunos e 26 professores.

Destaca-se ainda que:

Os alunos desfrutam de dependências modernas, incluindo uma biblioteca equipada com uma sala de leitura, uma quadra de esportes descoberta, e uma cozinha que serve alimentação escolar nutritiva. A tecnologia é uma prioridade, com acesso à internet de banda larga, desktops para os alunos, e lousas digitais que enriquecem o aprendizado. A escola também se destaca por seu compromisso com a sustentabilidade, apresentando uma área verde e práticas de separação de lixo e resíduos.²

Realizar observação participante na escola possibilitará compreendê-la como espaço de conflito por excelência e pelas normas e referências que possui e sua razão de existir. A pesquisa busca contribuir com a promoção de um convívio respeitoso e tolerável entre os agentes que compõem o contexto escolar, e seja capaz de valer a consciência do seu exercício de ética e cidadania.

Nos últimos anos, muito se tem pesquisado sobre situação o grande número de episódios violentos nos quais os jovens estão envolvidos. É oportuno enfatizar que a elaboração de políticas públicas adequadas e coerentes, somadas ao baixo índice de escolarização e qualificação profissional voltadas para esses grupos etários, são sempre problemáticas. Neste contexto, políticas públicas de juventudes, ações e debates no âmbito dos governos Federal e Estadual, tem procurado reconhecer os jovens como sujeitos de direitos, centralizando-se em programas que despertem a atenção para sua situação, em particular, entre os membros de classe social mais baixa.

² In: <https://www.escol.as/15303-cidade-de-emaus>

Fica evidente, portanto, que as situações de conflitualidades nas escolas não podem ser analisadas como um fenômeno isolado. Para contribuir com o tema, busco desenvolver um diálogo entre as teorias da Antropologia, sociologia e educação, junto ao tema que pretendo abordar em minha pesquisa, que possui as seguintes questões: “Como as juventudes escolares urbanas amazônidas no Ensino Médio vivenciam práticas de sociabilidades *on* e *off* que ocasionam o *bullying* dentro das escolas e nas redes sociais que mais utilizam?”

As juventudes e suas sociabilidades

A juventude é uma fase da vida que todas as pessoas, inclusive as gerações adultas, já vivenciaram. Há várias concepções do que venha a ser este período geracional, pois não se trata apenas de um momento da vida do ser humano que se delimite pela sua idade ou por sua estrutura biológica. Juventude carrega consigo várias significações que adultos e os próprios jovens atribuem às suas vivências.

É importante destacar, contudo, que a juventude não é única, o que proíbe uma definição estrita. Há uma certa tendência a olhar as juventudes como somente constituídas de sujeitos em desenvolvimento, sempre como um “vir a ser” por estarem em formação cultural, social e biológica. Acredito que tal concepção é determinista, pois não aborda de forma plural as diversidades e contextos de mudanças que tal fase da vida humana traz às pessoas. Por isso, é fundamental que os estudos sobre juventudes se orientem por abordagens diversas, que vejam as juventudes a partir de todas as suas nuances.

Entendo, portanto, que as juventudes são vistas pela geração denominada adulta, com certa ambiguidade, entre bem e o mal, não sendo tarefa fácil procurar entendê-las além das demarcações estabelecidas por meio de regras e disciplinas. Na história e percursos das juventudes, as relações concretas sempre ocorreram entre os limites impostos pelas gerações mais velhas. Juventude enquanto um período da vida do ser humano, sempre traz consigo, várias concepções do que venha a se constituir tal período, pois não se trata apenas de um momento da vida do ser humano, que se define pela geração ou pela idade da pessoa.

Assim, “juventude” foi e é uma categoria que traz em si variáveis sociais, culturais e históricas. Por sua vez, estudos em torno dos problemas existentes entre gerações, são em geral pensados por pessoas adultas, em especial, pais, educadores e

elaboradores das políticas voltadas às juventudes, que nutrem, assim, uma expectativa de gerar resultados satisfatórios frente às gerações mais novas.

Os discursos científicos, no mais das vezes, desconsideraram as peculiaridades do cotidiano vivido pelas diversas juventudes em cada país, região e tradição cultural de cada povo, sejam ocidentais ou não. Algumas ciências que abordam a temática, tais como a Psicologia e a Pedagogia, procuraram em determinadas abordagens, apontar para a universalidade dos fenômenos físico-biológicos da adolescência ou da juventude. Estão nos ensinamentos da Antropologia as mais instigantes demonstrações de que não existe uma forma universal de viver essa fase da vida.

Ao discutir a questão da juventude, enquanto uma categoria social, está se propondo uma análise e reflexão para entender as(os) jovens de forma menos rotuladora possível, considerando sua cultura, sua história, seus grupos, suas normas, suas regras, suas relações com os outros grupos, suas manifestações. Além disso, é fundamental considerar os jovens como sujeitos que vivenciam e expressam as particularidades próprias de seu grupo geracional. As conceituações acerca desse grupo, contudo, sempre foram marcadas por divergências.

É um momento em que confluem várias mudanças, juntam-se indecisões e preocupações com o futuro, no que virá pela frente. É também o momento de afirmação de suas identidades, o seu modo de ser no mundo. Esta participação da juventude, em grupos, na modernidade já traz outras características, como afirma Júlio Groppa (2000):

Na verdade, a especificidade da juventude na modernidade é a sua adesão prioritária a grupos juvenis informais ou independentes, qualidade que diferencia a maioria dos grupos juvenis modernos dos grupos etários homogêneos das sociedades primitivas, por exemplo,...nos grupos juvenis informais modernos a ‘panelinha de adolescência’ avalia cada indivíduo por critérios próprios ao grupo- critérios universalistas, diferenciados dos valores familiares. (p.47)

As representações correntes sobre o segmento juvenil, ora acentuam uma dimensão negativa desta juventude, a partir do entendimento destes jovens como problemas sociais, ora defende seus atributos positivos, responsáveis por uma mudança social.

É possível concordar que os discursos geracionais podem ser entendidos enquanto um acontecimento histórico, já que a partir do séc. XVII, o indivíduo passou a ser produto de um saber disciplinar, vinculado à repressão, à medida que se

normalizou a possibilidade da prevenção, conforme Michel Foucault (1987). Em outra perspectiva teórica, têm-se uma discussão que trouxe contribuições e controvérsias aos estudos sobre o tema, tal formulação está em Pierre Bourdieu quando afirma que:

[...] o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. Seria preciso pelo menos analisar as diferenças entre as juventudes [...]. (1983, p.113)

Destaca ainda Bourdieu (*op. cit.*) que a juventude “n'est qu'un mot”, isto é, para este autor o termo juventude “é apenas uma palavra”, uma construção social para denominar indivíduos de determinada idade. Conforme sua analítica, as “divisões entre as idades são arbitrárias” e “objeto de disputa em todas as sociedades” (BOURDIEU, 1983). A partir de sua afirmação, a juventude pode apresentar características distintas de acordo com sua bases econômica, psicológica, biológica e cultural.

Em posicionamento contrário a Bourdieu, os autores Mario Margulis e Marcelo Urresti (1996) afirmam que “A juventude é mais que uma palavra!”. Para eles é preciso apostar na superação de considerações sobre a juventude como mera categorização por idade ou portadora de características uniformes. A condição de juventude manifesta-se de forma desigual conforme diversos fatores como classe social, identidade étnica e gênero, por exemplo. Afirmam, por fim, que é preciso pensar a noção de juventude a partir da interação entre fatores sociais e biológicos.

A nosso ver, o tema juventudes carrega consigo várias significações que os sujeitos adultos e os próprios jovens atribuem às suas vivências. Não obstante, têm-se cada vez mais jovens que buscam seus direitos e pensam o futuro e também vivem o presente com responsabilidade. Portanto, é fundamental entender que a juventude é variada e a melhor definição é tratarmos enquanto “juventudes”, pois a pluralidade é fato incontestável. Pela diversidade que temos em nosso país, é preciso olhar as mais variadas formas de juventudes em sua inteireza.

Uma abordagem em que estas são tidas como sujeitas(os) contra as normas, inconsequentes, provavelmente se pauta numa perspectiva determinista e doutrinadora. Portanto, é fundamental abordarmos as juventudes enquanto sujeitos nela inseridas(os) têm suas vivências e são dotadas(os) de historicidade. Corrobora o argumento de Juarez Dayrell, quando afirma:

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade

implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta. (DAYRELL, 2003, p. 42).

Após esta retomada conceitual acerca das juventudes, é importante evidenciar as discussões em torno das formas de suas sociabilidades, presentes nas realidades vivenciadas *on* e *off*. Essas interações revelam uma diversidade de coletivos, relações e opiniões, resultando ou não em determinadas conflitualidades, entendidas não apenas pelas consequências negativas ou positivas, mas unificadoras de atitudes e discursos das mais diversas formas e que trazem consequências pulsantes em suas vidas.

Nas realidades escolares brasileiras, em particular da que pretendo acompanhar, a amazônica, têm-se as mais variadas formas de juventudes, urbanas, rurais, de áreas centrais e periféricas. É fundamental olhar que as(os) jovens nela inseridos, têm suas vivências, dentro de seus contextos, gostos, volições e desejos.

É possível afirmar que as juventudes dão sentido às suas identidades e estilos de vida, pois é possível fazer-se uma retomada a partir dos conceitos de raça, gênero, expressões artísticas, tais como *hip hop*, grafite, pixação, música, corpos, danças, vestimenta, acessórios etc. Sendo assim, não se pode reduzir o olhar a estas como contrárias às normas e, sem responsabilidades e perspectivas, procurando aproximar-me das juventudes respeitando as mesmas e a visão de que têm de si. É fundamental em uma pesquisa etnográfica, acompanhar, observar, ouvir e registrar o que estas percebem e fazem, inseridas nos contextos escolares ou fora destes.

Para seguir esse percurso investigativo, lançarei mão do conceito de relações jocosas. Apesar de entender que esse esquema fora desenvolvido a partir do estudo de sociedades tradicionais, é pertinente que, guardadas as relações e contextos específicos, possa ser aplicado à análise de fenômenos sociais contemporâneos, pois potencializa a vivacidade do conceito, na procura de um entendimento sobre as realidades nas quais se inserem as juventudes.

Em sua pesquisa realizada em escolas, as conceituações de Alexandre B. Pereira (2010) estabelecem uma discussão interessante quando faz um estudo sobre relações jocosas, que foram para ele denominadas por “zoeiras”, quando o mesmo

afirma que

[...] a jocosidade e a ludicidade eram pautas constantes. As relações jocosas ou de brincadeiras, no entanto, nem sempre se configuram de forma amistosa, incorporando muitas vezes uma violência verbal que se servia de referências racistas, homofóbicas, ou machistas. Além disso, as brincadeiras envolviam manifestações de agressão física, que aconteciam quase que exclusivamente entre os meninos, que se esmurravam, se chutavam, enfim se batiam mutuamente, sem que essas ações configurassem uma briga, mas apenas uma brincadeira mais truculenta. (p.127)

Em seu estudo, Pereira identifica uma relação análoga entre as “relações jocosas” e as chamadas “zoeiras” ou “brincadeiras”. São essas práticas que os estudantes realizam intermitentemente entre si, no espaço escolar, transformando-o em um território que pode ser tanto físico quanto emocional. Tal dinâmica evidencia que seus participantes atuam em uma espécie de “performance” da interação — um espaço simbólico do grupo onde buscam, de diferentes formas, afirmar seus lugares nas brincadeiras e nas disputas com outros grupos.

O mesmo autor constata ainda que existiriam as mais variadas formas e significados de zoar, destacando a íntima relação do fenômeno com as três obrigações das relações de dádiva descritas por Mauss (2003): o dar, o receber e o retribuir. Entretanto, dependendo do tipo, do contexto e dos personagens envolvidos nas gozações, a retribuição ou uma possível resposta, não é permitida ou bem-vinda, no caso, as interações da “zoeira” seriam uma troca entre os pares na escola.

Após apresentar o conceito de jocosidades e sua potência em revelar certas hostilidades e conflitualidades que se manifestam nas brincadeiras entre as juventudes escolares, percebo que apenas com a minha aproximação ao cotidiano da escola escolhida para a pesquisa será possível observar essas expressões de perto. Apenas o convívio típico da observação participante, permite captar gestos, risadas, ironias, provocações e pequenas tensões que atravessam o espaço escolar. É nessas manifestações que as jocosidades ganham forma, revelando modos de relação e disputa que se desenrolam entre os grupos de estudantes, muitas vezes sob a aparência de simples descontração.

As conectividades das juventudes e os usos da materialidade com *smartphone*

Na retomada de conceitos presentes na Antropologia e Sociologia

contemporâneas, enfatizo a expressão Teoria Ator-rede (TAR). Essa teoria tem como expoente o sociólogo e filósofo Bruno Latour (2012) e vem despertando cada vez mais interesse em diversas áreas científicas, sobretudo entre as Ciências Humanas, uma vez que se trata de análise do social que se propõe substituir por uma *sociologia das associações*, como define o autor.

Nos conceitos elaborados em sua teoria, Latour (*op. cit.*) enfatiza que ao invés de privilegiar uma antropologia social que reduz o mundo a relações sociais, à ordem social em si, está pressuposta em uma ordem material. É impossível tornar-se humano de outra forma além de socializar dentro de um mundo material de artefatos culturais que incluem a ordem, agentes e relacionamentos entre as próprias coisas e não apenas o relacionamento entre pessoas.

Para Latour, os artefatos fazem muito além de apenas expressar a intenção humana, antes, articulando-se às discussões em torno das socialidades, dentre as quais as que afetam as interações, especificamente das juventudes, revelam novas configurações entre humanos e não humanos, entre humanos e suas materialidades. Deste modo, buscando relacionar a abordagem da Teoria Ator-Rede aos contextos onde se encontram presentes as juventudes escolares, esta perspectiva teórica me faz pensar acerca do materialismo relacional, procurando abordar de forma não opositiva, a relação entre agência e estrutura, o macro e o micro social. Assim, considero diferentes materiais (humanos e não-humanos) como efeito de interações, no caso, das relações entre jovens nas suas vivências no interior das escolas e destas para outras formas de interação.

Recorro ainda a Latour (2019) quando define o que seriam as “redes sociotécnicas”, afirmando se tratar de coletivos híbridos, em uma estrutura não linear, um ambiente propício de produção e disseminação de conhecimento, formando desenhos, arranjos e vínculos sociais. Assim, a constituição de uma rede sociotécnica não está atrelada apenas à interação das pessoas, dos seres humanos, compreende, sobretudo e, de forma horizontal, a presença de objetos/coisas, tais como: textos, arquitetura, laboratórios, máquinas, entre tantos outros não humanos.

Em outras palavras, as ações não são qualidades exclusivamente de humanos, mas, também, de uma associação entre atores humanos e atores não humanos. Uma das decorrências metodológicas da perspectiva apresentada por Latour (2012) é que a pesquisa não se debruce apenas sobre os humanos, mas igualmente na agência dos elementos materiais. Sendo assim, conforme sua perspectiva teórica os

[...] objetos, pela própria natureza de seus laços com os humanos, logo deixam de ser mediadores para se transformarem em intermediários, assumindo importância ou não, independentemente de quão complicados possam ser por dentro. Eis por que alguns truques precisam ser inventados para forçá-los a falar, ou seja, apresentar descrições de si mesmos, produzir roteiros daquilo que induzem outros - humanos ou não humanos - a fazer. (LATOURET, 2012, p.119)

É aqui que procuro incluir nas observações nas relações com as juventudes, as materialidades presentes nas escolas e que estejam ao alcance de alunos e alunas no cotidiano escolar. Nesta rede, os objetos atuam como que “intermediários” de suas interações e comunicações diárias, pois no ambiente da escola, com suas salas de aula, seus objetos, tais como quadros, computadores, carteiras, canetas, bebedouros, ventiladores, etc., condicionam e dão forma às próprias ações de alunos e professores.

Juntamente com a escolha desta perspectiva teórica, será possível afirmar que as discussões em torno das sociabilidades, dentre as quais as que afetam as interações diárias, especificamente das juventudes, revelam uma potencialidade na qual ambientes menos atendidos por equipamentos até os mais equipados, com suas especificidades, podem ajudar a desvelar dinâmicas onde humanos e não humanos produzam realidades instigantes.

Nesse universo conceitual, em que as realidades *on* e *off* se entrelaçam no cotidiano, é certo que apenas um olhar de pesquisa atento pode compreender os múltiplos usos que as juventudes — e não apenas elas — fazem desses espaços. Tais usos produzem formas diversas de convivência, atravessadas por experiências positivas e negativas, e marcadas pelas contradições próprias das relações contemporâneas. Uma analítica interessante é trazida por Daniel Miller e Don Slater (2004), quando afirmam que a

[...] etnografia oferece um conhecimento não só mais vasto como mais “holístico”: nós podemos situar o fenômeno dentro do contexto mais amplo possível, de forma que cada um é usado metodologicamente para fazer sentido ao outro. [...] É claro, a distinção entre “fenômeno” e “contexto” não corresponde diretamente àquela entre *on-line* e *off-line*, posto que depende do nível de análise que se tem e de como se define o “campo”. (2004, p.44)

Utilizando deste referencial teórico acerca da etnografia em ambientes *on* e *off*, é possível reconhecer um universo de situações que adquirem um caminho duplo: iniciam numa e noutra situações reais por quais atravessam as conectividades, depois

se materializam nas interações diárias nas escolas.

No contexto do Brasil atual, a partir da regulamentação e proibição do uso de celulares nas escolas, tal situação tem gerado constantes desavenças entre a comunidade escolar, pois se procura disciplinar o uso do *smartphone* ou outro tipo de equipamaneto. A entrada em vigência desta legislação, Lei 15.100/25 (que proíbe alunos de usarem telefone celular e outros aparelhos eletrônicos portáteis em escolas públicas e particulares, inclusive no recreio e intervalo entre as aulas.)³, trouxe uma expectativa muito grande às escolas. Seu objetivo é regular o uso dos celulares por crianças e adolescentes na educação básica, composta pela educação infantil até o ensino médio. Muitas escolas estão proibindo que alunos adentrem com celulares, afirmando que estes, por estarem conectados à *Internet* e às redes sociais perdem sua atenção nas aulas.

O uso, mais ou menos frequente, dos *smartphones* pelos estudantes tem motivado inúmeras iniciativas voltadas ao controle desses dispositivos no ambiente escolar. No entanto, é preciso compreender que os usos — e também os abusos — dessas tecnologias fazem com que as juventudes escolares passem a depositar nelas uma confiança, por vezes, maior e mais imediata do que a que estabelecem com outros seres humanos. Nesse processo, novas formas de socialidade emergem no cotidiano das escolas, revelando transformações nas maneiras de se relacionar, comunicar e pertencer.

Em determinadas situações hoje vivenciadas, jovens, mas não apenas estes, vivem o que se denomina de “nomofobia”, um termo derivado da expressão inglesa “*no-mobile-phone phobia*”, que descreve a ansiedade e o desconforto experimentados quando se está sem acesso ao celular ou quando se percebe a possibilidade de não poder utilizá-lo. É por assim dizer, o *smartphone* se constituindo uma extensão da vida, e a sua ausência podendo gerar um vazio e uma sensação de desconexão com o mundo. Vejamos as informações a seguir:

A palavra nomofobia tem origem na língua inglesa a partir da expressão *no-mobile* que manifesta a condição de estar ou ficar sem celular. Explicam Borges e Pignataro (2017) que “o surgimento de um novo termo nasceu na Inglaterra: nomofobia – palavra recente que surgiu do inglês, *nomo*

³ Agência Câmara de Notícias. Disponível em <<https://www.camara.leg.br/noticias/1126717-SANCIONADA-LEI-QUE-PROIBE-O-USO-DE-CELULAR-EM-ESCOLAS>>

significando *nomobile*, ou seja, falta do dispositivo móvel e fobia significando medo.” (p.3). Acrescenta-se a palavra *fobos*, que na língua grega possui o significado de fobia ou medo. Com a associação dessas palavras surge o termo nomofobia. (BIANCHESSI, 2020, p.20)

Tal condição pode provocar uma vontade ou necessidade constante de fazer uso do equipamento, conectados(as) ou não à *Internet*, produzir fotografias, as chamadas *selfies*, ou se colocando em evidência suas rotinas. É sabido que jovens e pessoas adultas hoje em dia trabalham e utilizam o *smartphone* em seus cotidianos, como ou sem as conectividades.

Nessa perspectiva, é fundamental considerar quem faz uso dessas tecnologias — sejam crianças, jovens, adultos ou idosos. O *smartphone* acompanha seus usuários em quase todos os lugares considerados necessários e, quando conectado à internet, oferece um vasto potencial de comunicação por meio de mensagens, imagens, áudios e outras mídias. Qualquer acontecimento cotidiano pode tornar-se motivo para expressar alegrias, partilhar localizações, manifestar gostos ou, ainda, intensificar conflitos e jocosidades. Assim, esses dispositivos passam a ocupar um papel central nas dinâmicas de sociabilidade, tornando-se verdadeiros protagonistas das experiências e problemáticas contemporâneas.

As etnografias e suas perspectivas para a pesquisa

A pesquisa científica antropológica reconhece que em seu fazer desenvolveu-se um processo de representação da realidade, predominando acordos simbólicos e linguísticos num exercício continuado de discursos mentais, íntimos ao sujeito, e discursos sociais, propriedade do coletivo.

Em Antropologia, esta atividade é sempre um estudo sistemático e crítico de uma situação objetivada, caracterizando-se, portanto, como uma atividade de investigação de problemas, porém não apenas restringindo-se a simplesmente dar-lhes respostas ou solucioná-los, mas também procurando compreender as razões que justificam estas como tais, detectando regularidades, padrões e frequências nos fenômenos, possibilitando deste modo que sejam identificados certos princípios explicativos para os mesmos.

Na realização de uma etnografia há várias possibilidades quanto à forma de desenvolvê-la dentro de uma perspectiva antropológica. Neste sentido, pretendo realizar uma etnografia, através das observações que farei no interior de uma escola

da rede pública estadual localizada na Região Metropolitana de Belém, que terá sua efetivação e continuidade durante elaboração das narrativas oriundas do campo ou mesmo da textualização das relações entre humanos e suas materialidades presentes na realidade que será por mim observada.

Na perspectiva de Clifford Geertz (1989), descrever é uma constelação de ideias guardadas em um relicário, em uma “lente do antropólogo”, observar filigranas encontradas no campo de pesquisa para, a partir daí, anotar e descrever as situações vividas. Nesta descrição devo encontrar formas para a interpretação e compreensão do observado a partir de uma teia simbólica, ou seja, na percepção de conexões que possam ter significados para quem estiver presente na e com a realidade.

Assim, é a partir deste emaranhado de relações, humanas e não humanas, com objetos, códigos e símbolos que fazem um tecido ou teia social, que se pode identificar os mais importantes fatores da prática etnográfica. O antropólogo busca na etnografia um aprendizado seu, ao que estiver disposto a pesquisar, quando se pensa na perspectiva de conhecer um pouco mais sobre o que objetiva saber no fazer pesquisa com tal iniciativa. Conforme Geertz:

[...] em antropologia social, o que os praticantes fazem é a etnografia. E é justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento. (1989, p.15)

Em certa medida, desenvolver a reflexão sobre a aprendizagem na pesquisa, requer, do praticante da etnografia, uma aprendizagem guiada preponderantemente pelo senso questionador do etnógrafo. A etnografia exige constante reflexão e reestruturação do processo de questionamento do pesquisador. Na interpretação que ocorre em todos os momentos do estudo, do registro do que se vê e ouve, da leitura do "texto", bem como dos lugares em que está inserido. Conforme Geertz:

Situar-nos, um negócio enervante que só é bem-sucedido parcialmente, eis no que consiste a pesquisa etnográfica como experiência pessoal. Tentar formular a base na qual se imagina, sempre excessivamente, estar-se situado, eis no que consiste o texto antropológico como empreendimento científico. (1989, p.23-24)

Estar situado, se torna um pleno de significado, que é a capacidade da escrita do texto do antropólogo, por sua vez interpretado por aqueles que não passaram pelas experiências do autor do texto escrito.

A meu ver, o pesquisador deve entender e validar o significado das ações de

forma que este seja o mais representativo possível do significado que as próprias pessoas pesquisadas dariam à mesma ação, evento ou situação interpretada. A interpretação de um trabalho etnográfico, torna-se como que sua aprendizagem, que está expressa nas condições de um observador participante, nas palavras de Mylene Mizrahi (2014),

[...] penso que o que antes é colocado, ou mais fundamentalmente é preciso renovar, é o modo como nos posicionamos em campo. Em outros termos, não é possível renovar a escrita sem igualmente revigorar o modo como nos relacionamos com os sujeitos de nossa pesquisa. (p.26)

Desta forma, pretendo, via aproximação e relacionamentos que terei de constituir com estudantes no interior da escola onde farei meu campo, desenvolver a etnografia. Nestas, deve haver situações onde estes demonstram seus relacionamentos, geralmente em sala, nos horários de intervalo, entrada ou saída, ocorrendo normalmente através das brincadeiras com demais colegas da turma ou de outra turma, ou com as animosidades que por ventura podem se estabelecer.

Com vistas a este “posicionamento” em campo, acredito que as opções técnicas sejam inseparáveis das opções teóricas. No caso da etnografia as duas se fazem presentes, à medida que deve haver uma relação entre minha escrita com teorias. Nesta perspectiva, as ponderações feitas à própria conceituação de etnografia são uma constante, como afirma Mariza Peirano, a:

[...] etnografia que traz encravadas novas posturas teóricas. O fato de as monografias clássicas estarem distantes no tempo paradoxalmente nos ajuda a renunciar a uma avaliação presentista. Por outro lado, preenchem também um papel sociológico importante – o de embasar os diálogos além fronteiras. Entre dois falantes é sempre necessária uma convenção que dê estabilidade ao diálogo. A história teórica serve a esse propósito: quais são os livros que, independentemente de origem, antropólogos temos em nossas bibliotecas? (PEIRANO, 2014, p.383)

A etnografia exigirá, portanto, constante reflexão e reestruturação do processo de questionamento do pesquisador, pois ela pretende revelar o significado do cotidiano no qual as pessoas agem e estabelecem as relações entre si. É justamente na tentativa de encontrar o sentido das suas ações enquanto agentes dentro dos contextos que estiverem situados, que se faz necessário encontrar na proximidade do campo um momento para se desvelar as situações vividas por mim e pelos sujeitos os quais estabecerei relações.

Entendo, portanto, que a etnografia enquanto uma construção teórica,

apresenta-se como um devir do pesquisador para que um método adequado seja utilizado na prática, no contexto da realidade observada. Corrobora ainda Peirano quando diz que:

[...] o fato fundamental de que monografias não são resultado simplesmente de “métodos etnográficos”; elas são formulações *teórico-etnográficas*. Etnografia não é método; toda etnografia é também teoria. (2014, p.383)

Percebe-se, nessa concepção da prática etnográfica, que ela se configura como um momento ímpar do fazer pesquisa junto a determinada realidade, funcionando como uma ‘pedra de toque’ da pesquisa antropológica, na qual se articulam diversos aspectos do saber. É certo afirmar que as produções textuais no âmbito da antropologia, foram e são inovadoras, pois os conceitos antropológicos sempre pautaram e questionaram o processo de mudança no trabalho antropológico.

Os enunciados de Tim Ingold (2017) enfatizam sua concepção de etnografia, enquanto um aprendizado na vida e na ciência, pois:

A antropologia é *comparativa* pois estamos conscientes que qualquer caminho que a vida possa ter tomado, ele não é o único. Nenhum caminho é pré-instituído como único que é “natural”. Assim, a questão “Por que deste modo e não de outro?” sempre predomina em nossas reflexões. E a antropologia é *crítica* porque não podemos estar satisfeitos com as coisas tal como estão. (2017, p.225)

Noutra perspectiva, a prática pode ser evidenciada como um devir, um vir-a-ser, que só se realiza plenamente quando vivenciada pelo pesquisador, inserido no fazer que a antropologia propõe. No meu caso, dentro e fora das escolas, mas a partir de seus contextos, pois é o local em que estarei inserido. Nesta direção, é muito interessantes as evidências deixadas por Isabella Petrosillo (2016) que enfatiza que

Minha pesquisa foi feita na escola, mas não é uma etnografia da escola, mas do pátio. Esse espaço serve de abrigo para uma ocupação coletiva, estabelecendo um único percurso circular de diferentes vivências, no qual os alunos escapam da segmentação das salas de aula. Nele os jovens interagem antes e após as aulas ou escapam delas, consagrando-se como o local, por excelência, de maior sociabilidade dos estudantes. Isso o fez ponto físico nuclear de minha pesquisa. (p.20-21)

Enquanto uma prática e um devir, vale ainda retomar um trabalho realizado por Mariana Oliveira (2021), que, ao utilizar-se da perspectiva contemporânea da Teoria Ator-Rede, evidencia a necessidade de um trabalho de campo que estabeleça um *locus* em que *on* e *off* sejam parte do mesmo contexto, quando afirma que

A Antropologia, interessada nesses sujeitos que são jovens e crianças e que tem na escola seu *lôcus* privilegiado, vê em seus sujeitos escolarizados interessante eixo de pesquisa. A escola é vista em sua potência como um dos espaços de sociabilidade e não mais o único, sendo comum para tais investigações, o uso de etnografias realizadas na escola e também em outros espaços. (OLIVEIRA, 2021, p.60).

Sendo assim, tomando como base as discussões acerca da etnografia, e tendo em mente que pretendo produzi-la a partir das relações estabelecidas pelas juventudes nas escolas, verifico que as relações e interações que serão vividas e produzidas no campo, configurar-se-ão para mim em um aprendizado enquanto pesquisador. As sociabilidades que serão por mim vividas a partir destas relações e interações serão múltiplas, pois envolvem realidades *on* e *off*, interna ou externa à escolas, e se vincula à sociedade mais ampla, tendo início na família e na comunidade local.

Ciente de que existem diversas alternativas às conflitualidades, este tema se apresenta como um objeto de reflexão, a partir da busca por saberes e fundamentações nas ciências sociais, como a Antropologia e a Sociologia. Proponho desenvolver uma “Cartografia das Controvérsias”, pois entendo aqui as conflitualidades através das práticas de *bullying*, enquanto exemplificações de controvérsias entre atores e atrizes e suas agências nas ações estabelecidas entre as juventudes escolares, pois aparecem quando ideias e coisas que costumam ser aceitas, passam a ser questionadas e discutidas. Neste contexto, é importante entender quem são estes atores e atrizes, inseridos(as) na controvérsias.

Conforme Venturini (2010) para cartografar controvérsias, não existe nenhum tipo de protocolo metodológico, muito menos uma hipótese a ser confirmada pelo pesquisador. As controvérsias são lugares de discussões verbais e/ou não verbais onde as relações mais heterogêneas são formadas na rede, neste caso em particular, dentro e fora da escolas.

Referências

ABROMAVAY, Miriam, CASTRO, Mary Garcia *et al.* **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina:** desafios para as políticas públicas. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ATLAS DAS JUVENTUDES. **Quem são as juventudes do Brasil?**. 2020. Disponível em: <<https://atlasdasjuventudes.com.br/jovens-populacao-e-percepcoes/quem-sao-as-juventudes-do-brasil/>> Acesso em 10 setembro, 2025.

BANNELL, Ralph Ings; MIZRAHI, Mylene; FERREIRA, Giselle. (orgs.). **Deseducando a educação: mentes, materialidades e metáforas**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2021.

BARROS, Mirani. **Um lugar para ser gorda: afetos e erotismo na sociabilidade entre gordinhas e seus admiradores**. Dissertação (mestrado) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, 2017.

BASSALO, Lucélia de Moraes Braga; MORAES, Ceila Ribeiro de; SILVA, Jardinelio Reis da (Orgs). **Juventude e Educação no Pará: Projetos de Vida, Trajetórias e Gênero**. Belém: IOEPA, 2021.

BECKER, Howard S. **Uma teoria da ação coletiva**. Trad. Márcia B. de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1977.

BERGER, Peter L.; BERGER, Brigitte. O que é uma instituição social. In: **Sociologia e sociedade**, v. 25, p. 193-199, 1977.

BIANCHESSI, Cleber. **Nomofobia e a dependência tecnológica do estudante**. Curitiba: Bagai, 2020.

BOURDIEU, Pierre. A 'Juventude' é apenas uma palavra. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983, p. 112-121.

CASTRO, M.G; ABRAMOVAY, M. **Jovens em Situação de Pobreza, Vulnerabilidades Sociais e Violências**. Cadernos de Pesquisa: Autores Associados, n.116, p.143-176, julho, 2002.

CAMARANO, Ana Amélia, MELO, Juliana Leitão et al. **Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros**. IPEA: 2004.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15/10/2010.

DIOGENES, Glória. Enigmas do medo – juventude, afetos e violência. In: DAYRELL, Juarez. MOREIRA, Maria Ignez Costa. STENGEL, Márcia. (Orgs.). **Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011.

DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**. 11ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978, p. 41-42.

FEIXA, Carles. **De la Generación@ a la #Generación**: La juventud en la era digital. Barcelona: Ned Ediciones, 2014.

GASTALDO, Édison. **As Relações Jocosas Futebolísticas. Futebol, Sociabilidade e Conflito no Brasil**. In: MANA 16(2): 311-325, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/zMLqFHnSgJtGfmXWmtCvyTR/?format=pdf&lang=pt>

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HINE, Christine. A internet 3E : uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. In: **Cadernos de Campo** (São Paulo, online) | vol. 29, n.2 | p.1-42 | USP, 2020.

INGOLD, Tim. Antropologia versus etnografia. In: **Cadernos de Campo**. São Paulo, n. 26, v.1, 2017. Trad. Rafael Antunes Almeida.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

_____. **Jamais fomos modernos**. 4ª ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

LEMOS, André. **A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura**. São Paulo: Annablume, 2013.

MANHEIM, K. “O problema sociológico das gerações”. In Marialice M. Foracchi (org), **Karl Mannheim: Sociologia**, São Paulo: Ática, 1982, pp. 67-95.

_____. “O problema da juventude na sociedade moderna”. In: **Diagnóstico de nosso tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, pp. 36-61.

MARGULIS, Mario & URRESTI, Marcelo. "La juventud es más que una palabra". In: Margulis, M. (org.). **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MAUSS, M. Relações jocosas de parentesco (1926). In: **Antropologia. Marcel Mauss**. Org. Roberto Cardoso de Oliveira. São Paulo: Ática, 1979, p.164-176.

MEAD, Margaret. “A adolescência em Samoa”. In: **Cultura e personalidade: Margaret Mead, Ruth Benedict, Edward Sapir**. CASTRO, C. (Org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

MENDES de MIRANDA, Ana Paula; MAIA, Bóris. “Olhares, Xingamentos e Agressões Físicas: A Presença e a (In)Visibilidade de Conflitos Referentes às Relações de Gênero em Escolas Públicas do Rio de Janeiro.” In: **Horizontes Antropológicos**, vol. 23, núm. 49, septiembre-diciembre. UFRGS. Porto Alegre, Brasil, 2017, pp. 177-202.

MILLER, Daniel e SLATER, Don. Etnografia on e off-line: Cibercafés em Trinidad. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004

MILLER, D. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**; Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MILLER, D. *et al.* **O smartphone global: uma tecnologia para além dos jovens**. London: UCL Press, 2022. Tradução: Cecília Elisabeth Barbosa Soares. Disponível em: <https://library.oapen.org/handle/20.500.12657/51795>. Acesso em 20/07/2024.

MIZRAHI, Mylene. **A estética do funk carioca: criação e conectividade em Mr. Catra**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

NOVAES, Regina Célia R. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel M.; EUGENIO, Fernanda (orgs). **Culturas Jovens – Novos Mapas do Afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **"A maior zoeira": experiências juvenis na periferia de São Paulo**. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade

de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/T.8.2010.tde-17112010-141417. Acesso em: 2024-05-13.

_____. “Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas ciências sociais.” **Ponto Urbe [Online]**, 1 | 2007, posto online no dia 30 julho 2007, consultado em 28 julho 2025. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1203> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1203>.

PETROSILLO, Isabela Rangel. **Esse nu tem endereço: o caráter humilhante da nudez e da sexualidade feminina em duas escolas públicas**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Antropologia). Departamento de Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2016.

OLIVEIRA, Mariana Muniz. **A materialidade da violência em uma escola da Maré**. Dissertação de Mestrado em Educação – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, Orientadora: Mylene Mizrahi, 2021.

RADCLIFFE-BROWN. A. R. On Joking Relationships. In: **Africa: Journal of the International African Institute**, Vol. 13, No. 3. (Jul., 1940), pp. 195-210. Disponível em: [https://anth198.pbworks.com/f/Radcliffe-Brown%2B\(1940\)%2B%2BOn%2BJoking%2BRelationships.pdf](https://anth198.pbworks.com/f/Radcliffe-Brown%2B(1940)%2B%2BOn%2BJoking%2BRelationships.pdf)

SERRES, Michel. **Polegarzinha**. 6ª ed. Trad. Jorge Bastos. Belo Horizonte: Bertrand Brasil, 2013.

SIMMEL, Georg. A natureza sociológica do conflito; Conflito e estrutura de grupo e O estrangeiro. In: **SIMMEL. Sociologia**. FILHO, E. de Moraes (org.) São Paulo: Ática, 1983, (Grandes Cientistas Sociais, 34, p.122-134.

VENTURINI, T. Building on faults: how to represent controversies with digital methods. **Public Understanding of Science**, v. 21, n. 7, p. 796-812, 2012. Disponível em:

<http://www.medialab.sciences-po.fr/publications/Venturini-Building_on_Faults.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2025.